

PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

Atena
Editora
Ano 2023



PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**
Editora
Ano 2023



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Do mito grego à psicanálise: ressonâncias

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Paulo José da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
D631	Do mito grego à psicanálise: ressonâncias / Organizador Paulo José da Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0804-8 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401 1. Psicanálise. I. Costa, Paulo José da (Organizador). II. Título. CDD 150.195
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O legado da civilização grega para a cultura ocidental é inegável, assim como a presença da mitologia helênica na construção do arcabouço teórico da psicanálise. De modo geral, herdamos as suas contribuições por meio do que permaneceu intacto, através de registros históricos, arqueológicos, artísticos, linguísticos, etc., que sobreviveu ao tempo e foi absorvido pela posteridade, mas também pelos bens imateriais inerentes. Entretanto, não podemos supor que o patrimônio helênico herdado se mantenha incólume na nossa cultura, mas sobrevive porque é amalgamado ao devir, é readaptado e ressignificado no percurso temporal, geográfico, histórico, social, das ações humanas de cada tempo e lugar.

Tal processo, ao contrário de diminuir a importância desse legado, embora nos possa parecer diluí-lo ou até fazê-lo sair de cena, o mantém vivo porque esse movimento é essencial a sua preservação de diferentes maneiras. Sem isso, o que ele contém de mais significativo referente ao humano se engessaria e assim perderia a sua força e o seu valor, levando-o ao desaparecimento, pois teria perdido o que o faz ser fonte de inspiração, de reflexão, que é o seu dinamismo. Nesta perspectiva, a psicanálise se apropriou de elementos dessa herança, por reconhecer a sua dinamicidade e capacidade de expressão de aspectos profundamente humanos, em constante movimento. Nesse sentido, o modo como Freud se aproximou particularmente dos mitos gregos na construção do *corpus* psicanalítico, resgata a atualidade daquilo que já estava presente na Antiguidade, transformando-o, através de uma abordagem original que lhe permitiu criar um novo campo do conhecimento.

Assim sendo, podemos pensar que a contribuição da civilização helênica para a cultura ocidental, e particularmente para a psicanálise que é o nosso foco de interesse em nossas pesquisas e estudos, se manifesta como uma espécie de eco que pode ser tomado como repetição, mas também como portador de algo para o qual se chama a atenção, que reverbera em múltiplas situações e condições, pelas quais evidencia, transmite, distingue certa coisa que até então talvez estivesse velada ou pouco percebida, que repercute pelo efeito que produz. Portanto, por ressonâncias explícitas ou subjacentes, manifestas ou latentes. É considerando tais ressonâncias e suas inúmeras possibilidades que vimos nos debruçando sobre a interface entre mitologia grega e psicanálise, inseridos na Linha de pesquisa “Psicanálise e Civilização”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá.

Com foco nessa interface, professores, mestrandos e doutorandos do

referido Programa de Pós-graduação desenvolvem estudos e pesquisas, além de consolidar a disciplina “A mitologia grega e a dimensão trágica do psiquismo: reflexões psicanalíticas”, ministrada regularmente. É desse *corpus* de produções que emergem as nossas publicações, algumas das quais apresentamos no presente livro. Também contamos com a parceria e contribuições de profissionais interessados nessa temática, vinculados às seguintes instituições: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Centro Universitário UDF, Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma), Centro Universitário de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná (UniFatecie), Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM) e Prefeitura Municipal de Maringá,

No presente livro, as interfaces entre mitologia grega e psicanálise são abordadas por diferentes perspectivas e temáticas, que expressam a riqueza de possibilidades que emergem do encontro desses dois campos. Assim, no primeiro texto, *Dor mental e engrenagem suicida: um jeito de existir*, é discutido um modo de funcionamento psíquico que cria proteções para evitar o conhecimento de aspectos fundamentais inerentes à condição humana, visando blindar a mente de pensar as verdades penosas, segundo a concepção bioniana. No segundo, por sua vez, denominado *A clínica psicanalítica e a ética trágica na pós-modernidade*, apresenta e argumenta acerca da relação entre os fundamentos psicanalíticos e o pensamento filosófico trágico, remetendo a uma ética trágica norteando o trabalho do psicanalista e auxiliando a compreensão de qual é o lugar ocupado pela psicanálise no mundo contemporâneo.

Quanto ao terceiro texto, intitulado *Deméter e Perséfone: reflexões acerca das dificuldades de separação subjetiva entre mãe e filha*, parte de vivências oriundas da clínica para refletir sobre a modalidade relacional em que não ocorre a separação e a diferenciação necessárias, no processo de subjetivação, envolvendo a dupla mãe-filha. Na sequência, em *Narciso e o espelho: análise de uma narrativa mítica*, o exame recai sobre o mito de Narciso a partir de sua estruturação narrativa, tendo por base tanto elementos textuais quanto psicanalíticos. Em *Jasão: o herói adormecido*, além de apresentar este mito, investiga as características do seu processo heroico em sua relação com Medeia.

No texto *O destino de John Connor na trilogia “O exterminador do futuro”*: *esboços psicanalíticos e trágicos*, a partir de elementos psicanalíticos e trágicos,

são propostas algumas possibilidades para se pensar a presença mítica na contemporaneidade, através do exame de aspectos presentes no personagem principal da referida obra cinematográfica. Com relação ao sétimo texto, *Do rito fúnebre ao mito das origens: questões do sujeito a partir de Antígona e Incêndios*, a partir da personagem sofocleana e de uma peça teatral, ambas indicadas no título, traz reflexões com o intuito de pensar acerca da noção de sujeito desde o seu enlaçamento com a cultura e sobre o registro do mito, enquanto possibilidade para se pensar as origens e a morte.

Quanto ao próximo texto, *Anacronia no enigma edípico: paradigma do tempo em psicanálise*, busca defender a existência de uma anacronia no processo de formulação do enigma edípico, sendo necessário, para tanto, tratar sobre a tese do tempo tal como se apresenta na tragédia de Sófocles sobre o rei Édipo e a dinâmica da atemporalidade inconsciente, do ponto de vista psicanalítico. Sequencialmente, em *A disjunção entre a mulher e a mãe em Medeia*, são levantados questionamentos a respeito do destaque dado por Eurípidés à personagem e seu ato filicida, a partir do que se constroem análises evidenciando as distinções entre a mãe e a mulher, trazendo para o campo psicanalítico como pauta de importante discussão.

Intitulado *O avesso de Procusto: algumas observações acerca da inquietante função do analista*, o décimo texto apresenta uma reflexão sobre a alteridade e suas implicações metapsicológicas, argumentando pela perspectiva da função analítica. Em seguida, desenvolvendo conexões entre as noções de frenesi báquico e de loucura privada, enquanto possibilidades de se pensar a clínica psicanalítica na atualidade, temos *O frenesi báquico e a loucura privada: articulações entre a psicanálise e a tragédia As Bacantes*. Finalizando esse conjunto de estudos, consta *Medeia e o filicídio: comoção e horror*, no qual a proposta é examinar as possíveis reações que as pessoas têm perante a situação de assassinio dos filhos pela própria mãe, analisando a partir dos conceitos de recalque e de formação reativa.

Esperamos que a leitura do presente livro possa contribuir para a reflexão e para a promoção de debates, favorecendo o surgimento de novos entendimentos envolvendo as questões levantadas e discutidas aqui. E propiciar deleite (porque não?), tendo em vista a arte envolvida nos mitos gregos.

SUMÁRIO**SUMÁRIO 5****CAPÍTULO 1 1**

DOR MENTAL E ENGRENAGEM SUICIDA: UM JEITO DE EXISTIR

Angélica Calaresi Wolff

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304011>**CAPÍTULO 2 10**

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A ÉTICA TRÁGICA NA PÓS-MODERNIDADE

Gabriel Crespo Soares Elias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304012>**CAPÍTULO 3 31**

DEMÉTER E PERSÉFONE: REFLEXÕES ACERCA DAS DIFICULDADES DE SEPARAÇÃO SUBJETIVA ENTRE MÃE E FILHA

Michelle Cintya Bacini

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304013>**CAPÍTULO 4 48**

NARCISO E O ESPELHO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA MÍTICA

Alcione Lucena de Albertim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304014>**CAPÍTULO 5 65**

JASÃO: O HERÓI ADORMECIDO

Viviana Carola Velasco Martinez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304015>**CAPÍTULO 6 85**

O DESTINO DE JOHN CONNOR NA TRILOGIA “O EXTERMINADOR DO FUTURO”: ESBOÇOS PSICANALÍTICOS E TRÁGICOS

Carlos Henrique Barbosa Vieira

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304016>**CAPÍTULO 7 108**

DO RITO FÚNEBRE AO MITO DAS ORIGENS: QUESTÕES DO SUJEITO A PARTIR DE ANTÍGONA E INCÊNDIOS

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304017>

CAPÍTULO 8	125
ANACRONIA NO ENIGMA EDÍPICO: PARADIGMA DO TEMPO EM PSICANÁLISE	
João Milton Walter Tavares	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018	
CAPÍTULO 9	143
A DISJUNÇÃO ENTRE A MULHER E A MÃE EM MEDEIA	
Lauro Barbosa	
Maria Cristina Poli	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019	
CAPÍTULO 10.....	156
O AVESSE DE PROCUSTO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACERCA DA INQUIETANTE FUNÇÃO DO ANALISTA	
Mauricio Rodrigues de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110	
CAPÍTULO 11	172
O FRENESI BÁQUICO E A LOUCURA PRIVADA: ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A TRAGÉDIA AS BACANTES	
Ana Flávia Cicero Conde	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111	
CAPÍTULO 12.....	187
MEDEIA E O FILICÍDIO: COMOÇÃO E HORROR	
Emanuely Jackeliny Pissinati Martins	
Viviana Carola Velasco Martinez	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112	
SOBRE OS AUTORES	205
ÍNDICE REMISSIVO	208

DOR MENTAL E ENGRENAGEM SUICIDA: UM JEITO DE EXISTIR

Data de aceite: 11/11/2022

Trabalho apresentado como Tema Livre no XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise - Morte e Vida: novas configurações, em Fortaleza-CE, 2017.

Angélica Calaresi Wolff

Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá
Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3925-2761>

Paulo José da Costa

Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6147-7791>

“Muita gente experimenta a morte mental se vive o suficiente para tal. Você não precisa viver muito tempo para ter essa experiência. Tudo o que você tem a fazer é ficar mentalmente vivo” (BION, 1989, p. 192).

INTRODUÇÃO

O tema desta discussão surgiu de inquietações vividas na clínica, no trabalho com pacientes, que para além da moldura da patologia, nos convidam a pensar sobre uma possível armadura resistente ao conhecimento das verdades penosas acerca da condição humana e que se manifesta através de graus de interdição da mente ao pensamento e à própria vida. Nessa condição, parece haver certa consonância com a cultura antimente como funcionamento bastante presente na contemporaneidade, em pessoas que preferem sobreviver com a crença de se imunizar às ilusões, aos riscos e às dores. Contudo, não estamos nos referindo à resistência tão comum em qualquer processo de busca pelo conhecimento, mas a um modo de funcionamento psíquico que denominamos de engrenagem suicida, como apresentaremos a seguir.

A DOR MENTAL

Em psicanálise, desde as investigações de Freud (1996), descobrimos que conhecer a verdade sobre a vida não assegura ninguém de viver a felicidade. Mas Bion (2006) ofereceu importantes contribuições clínicas ao sustentar que a condição de disposição em busca pela verdade representa-se como alimento de vitalidade psíquica; foi entendendo a verdade como uma árdua tarefa de aproximar-se do que é a realidade humana. Na perspectiva bioniana, a realidade é composta de verdades penosas para a mente, porque veicula incertezas, informidades e infinitudes.

Ancorado na compreensão kleiniana de que o psiquismo necessita de certo grau de angústia para desenvolver-se, Bion (2006) examinou a respeito da dor mental como a base para a mudança na vida psíquica. A condição de saúde e vivacidade, segundo Bion (1966), exige que a mente seja capaz de tolerar as dores de crescimento.

Nesse sentido, a capacidade de pensar representaria uma aquisição sofisticada e infinita da mente de manter-se curiosa para descobrir e criar significados para a existência, apesar (e a partir) da frustração diante de experiências dolorosas da realidade (BION, 1966).

Entretanto, tal como as dores físicas, que podem ser sentidas como ameaças à integridade e convocam defesas, a dor mental, embora possa fazer acionar, às vezes, uma investigação pensante e possibilidades criativas, muitas vezes engatilha apenas uma reação evasiva manifesta por queixas lamuriasas e incipientes; outras, ainda pode fazer prevalecer manobras psíquicas anestésicas (JUNQUEIRA FILHO, 2011).

Diante das expressões de sofrimento humano, o problema psicanalítico sempre foi o de pensar acerca das dores caladas e inominadas da existência, que acompanham a trajetória do homem. Foi com Bion (2006) que compreendemos que algumas pessoas sentem dor, mas ignoram a possibilidade de sofrer a dor mental; isto é, elas experimentam sensorialmente, mas não conseguem pensá-la emocionalmente. Neste sentido, a psicanálise ficaria reconhecida como despreziosa e limitada quanto à possibilidade de diminuir o sofrimento ilimitado advindos da realidade. A contribuição esperada e possível seria de aumentar a capacidade para pensar e tolerar, não somente as dores, como os prazeres genuínos de ser humano (REZZE, 2021).

A ENGRENAGEM SUICIDA

Em alguns indivíduos, com particular dificuldade de tolerar a dor mental, parece prevalecer um tipo de funcionamento psíquico onde a expectativa é de uma vida anestesiada (sem sofrimento, sem prazer), muitas vezes controlada através de pílulas para não pensar,

preconizando uma aliança com a imobilização mental, agredindo desse modo a qualidade da experiência de estar vivo.

Essa tem sido uma situação notável e frequentemente presente na clínica psicanalítica, ao observar o contato com pacientes que parecem alheios aos próprios sentimentos. Eles se apresentam como desalojados de desejo, assustados com o próprio mundo interno ao ponto de se organizarem com a convicção de que pensar e comunicar sejam funções que precisam ser restringidas e controladas, porque, nesses casos, parecem causar mais danos do que produções evolutivas. Na pretensão de controlar os pensamentos, posicionam-se hipervigilantes ou embotados diante da vida, evitam contatos, operacionalizam reações, “tocam a vida” com uma “mente zumbi”.

Como destacou Bion (1991a, 1991b, 1991c), a dor pode gritar calada. São pacientes que se apresentam na sessão com olhos estalados e assustados, mas descrevem sua rotina desprovida de emoção e em ritmo hipnótico. Parecem fazer da sessão um relatório de expediente burocrático. A experiência de contato emocional é tão escassa, que parece irrelevante e até desprezível, e sugere estar a serviço da anticoncepção de pensamentos. O aparelho de pensar fica entulhado de ruminções, como um tipo de descarga autoengendrada, que embora sejam externamente silenciadas, internamente parecem deflagrar um estado de guerra fria e alucinose.

Reconhecemos que o ódio ao pensamento sobre as experiências emocionais e a própria personalidade é produto e reproduzidor de um estado de anticonhecimento defensivo, o que causa automutilação psíquica, embora aparente normalidade e sobreadaptação social, como também destacam Marques (2004), Hartke (2005) e Mondrzak (2007).

Engrenagem suicida é o nome que atribuímos a esse “jeito desafetado de existir”, ou a uma existência pouco vitalizada, com presença morna travestida de estado de calma. Um funcionamento em que predomina a antiemoção, na tentativa de esterilizar os conflitos. Essa dita engrenagem suicida ataca com intolerância inclusive a perspectiva do tempo. A mente parece atrair-se para a inércia, como que negando o movimento que implica a passagem do tempo, as ausências, as faltas e a angústia que acompanham as finitudes; tenta-se imobilizar os ciclos da vida. Como resultado, os dias são sentidos como sempre iguais.

A violência psíquica se manifesta como uma força que procura engessar o ego, promovendo a falta de comunicação afetiva nos vínculos relacionais que este poderia estabelecer, interna e externamente. Isso se expressa pelo estabelecimento de contato predominantemente lógico e frágil, quase nunca emocionais, pelo desligamento dos relacionamentos, dada a anulação da experiência emocional com o objeto.

Assim como propôs Bion (2006), notamos que a superioridade moral, enquanto

repúdio às incertezas da vida e negação da dependência e da fragilidade humana, nesses casos esvazia de sentido as relações com um outro ser. Neste sentido, ainda de acordo com Bion (2006, p. 36), o “super-ego” priva o outro (o não-eu) de existência própria e o próprio eu de viver criativamente, dada a nebulosa que é formada pela distorção das percepções e pela soberania da aparência.

Além do ataque ao ego e à matriz de pensamento, esse mecanismo de funcionamento do “super-ego” ataca também a capacidade de reparação (Bion, 1966, p. 116). Portanto, quando predomina esse estado mental, a satisfação amorosa e de gratidão ficam deficitárias, pois uma barragem defensiva é construída a fim de evitar sofrer o contato não só com os objetos (seja onipotentemente ignorando ou idealizando), mas com a realidade ambivalente das relações. Um estupor mortífero retira das experiências emocionais sua dramaticidade.

Como investigou Bion (1991a), a parte da mente que trata com ódio tanto à realidade externa (negando ou distorcendo), como aos sentidos, às emoções e à própria vida, não são exclusivas de quadros clinicamente patológicos. Artimanhas psicóticas são empregadas cotidianamente, em todos nós, em variados gradientes e arranjos na personalidade, a fim de resistir tanto às mudanças, sentidas como catastróficas porque subvertem o ordenamento psíquico, como formas de evitar conhecer as verdades penosas da realidade humana e as “exigências da existência” (BION, 1981, p. 468).

Nesta acepção, no modelo de Bion, os mecanismos defensivos utilizados seriam variantes nos níveis de falsificação da realidade, causados pelas condições de acuidade mental nas tentativas de contato com as experiências vividas (BION, 2004a, 2006). Tendo em vista os graus de falsificação que a personalidade pode produzir diante da realidade, Bion (1981) nos recomenda distinguir a “capacidade de existir” da “qualidade da existência” (p. 469).

Seria possível conjecturar a respeito destas falsificações sendo expressas pelo ditado popular “o que os olhos não veem, o coração não sente”. Rejeitar a realidade sentida como intolerável, distorcer um vértice desconhecido e dinâmico de percepção da realidade em um embargo de sentido estático e conhecido, são mecanismos que tem o propósito defensivo de preferir confirmar compreensões enferrujadas em favor da imobilidade mental, acionando automatismos psíquicos, a experimentar dor mental (SAPIENZA, 2009).

Retomando a referência ao trabalho clínico, no contato com pacientes em que esse tipo de engrenagem psíquica predomina, muitas vezes a vida mental parece confinada a um cômodo (às vezes literalmente a rotina se passa em um), que, emprestando a ideia de Freud (1980), teria mobília de sonho, mas sem morador-sonhador. O cômodo estaria vazio? Pensamos que não. Algum desejo fugiu do encarceramento, quando esses pacientes veem

nos encontrar no consultório, ainda que, pelo grau de destrutividade, também estejamos sujeitos a ver o trabalho psicanalítico secar e mortificar (BION, 2006).

Mesmo que sejamos convidados, por identificação projetiva maciça, a encarcerarmos nossa capacidade de pensar durante a experiência emocional no *setting* estabelecido com estes pacientes, acreditamos que outro convite também nos é, ao mesmo tempo, endereçado: a busca por uma outra mente capaz de estabelecer um par continente e inseminador (SANDLER, 1999), com quem se possa gestar sonhos e vida mental pulsante, apesar das dores de existir.

ENTRE CATÁSTROFES E AGRILHOS

Trazemos agora, para a discussão, alguns elementos relacionados aos mitos de Prometeu e de Pandora, como modelo para pensar o drama que se encena no psiquismo entre o que denominamos de engrenagem suicida, a força transgressora da mudança e a experiência da dor.

Na versão trágica esquiliana, ao roubar o fogo dos deuses para dá-lo aos homens, Prometeu ameaça o controle do fogo, símbolo da energia ambígua transformadora. O fogo implica em mudança de estado, mas também subversão, perigo e destruição. Perder o controle, mais do que o fogo, é, para os deuses, uma catástrofe, porque a posse representa supremacia e invariância, ao passo que, para os homens, a ausência do fogo restringe a vida; portanto ele precisa ser contido, conservado e alimentado. No vértice desta discussão, a história de Prometeu aborda a questão do controle (representado pelos deuses) e da inércia (representado pelos homens) como formas violentas de recusa ao processo de conhecimento da vida. Tanto que Zeus, representante de um funcionamento tirânico e absolutista, reage com vingança e acorrenta Prometeu, imprimindo grande tormento por ser este portador de mudanças.

Ésquilo (1984) descreve que os humanos estavam ameaçados de extinção, desconheciam a realidade da velhice, da morte, dos sofrimentos e, portanto, também os prazeres. Assim, na tragédia de Ésquilo, o Coro instiga Prometeu: “Deste aos efêmeros o flamejante fogo?” (p. 32). E Prometeu argumenta: “Do fogo aprenderão eles muitas artes (p. 32) [...] no começo, eram eles ignorantes e os tornei cientes e senhores da sua inteligência [...] No começo, eles olhavam e não viam, escutavam e não ouviam [...]” (p. 41).

A história de interdição mental dos homens estabelecida entre os deuses e os mortais, pode servir para compreender as manobras psicóticas, discutidas por Bion (1991a, 1991b), empregadas por parte da mente para sucumbir o homem ao seu destino, e cegá-lo da responsabilidade sobre sua existência.

Hesíodo (2002), ao contar sobre a história de Pandora como desdobramento da

trajetória de Prometeu, narra que Pandora ao curiosamente abrir a caixa que portava no universo dos mortais, anunciou verdades penosas aos humanos, sendo este feito no mito concebido como distribuição de males. A mesma narrativa parece, ao mesmo tempo, veicular a crença primitiva do funcionamento mental mítico de que aquilo que não se percebe de certo modo não existe, como narrar a consciência de que, além do instinto para existir, o homem precisou conhecer a si mesmo para desenvolver melhores condições de vida, mas que este mesmo conhecimento exige a capacidade de lidar com os sofrimentos inerentes da vida. Nesse sentido, como apontam Wolff e Costa (2017, p. 23), “o saber mítico parece pré-conceber que só se pode pensar sobre a morte quando se conhece a vida. E só se pode conhecer a vida quando se descobriu a realidade da morte”.

Além dos conteúdos revelados como males, Pandora também apresentou ao universo da humanidade a esperança. Tendo em perspectiva o controle onipotente, a esperança é um atributo desnecessário aos deuses. Contudo, para os seres humanos, ela torna-se uma condição indispensável, mas com sentido dúbio. A palavra esperança, em sua origem grega, *Elpis*, apresenta-se com uma acepção ambígua de espera, tanto numa perspectiva positiva quanto negativa. Significaria “previsão cega, ilusão necessária” (LAFER, 2002, p. 72). Também se refere à “[...] dor da dúvida anunciada, como também presume confiança em um porvir transformador e bom” (WOLFF; COSTA, 2017, p. 25). Poderíamos correlacionar a esperança com a capacidade de tolerar incertezas, sendo esta fundamental ao processo de conhecimento emocional (BION, 2004b). Assim, como podemos pensar que já sugeria o saber mítico, a esperança pode vir a ser entendida como uma potente força psíquica advinda da pulsão epistemofílica, indispensável no confronto entre as “forças assassinas” do antipensamento e da vida na mente (BION, 1973, p. 109).

Na perspectiva desta discussão, suportar a verdade de não controlar o fogo da vida é transformar um saber, portanto, conhecido, em emocionalmente aprendido. É dar-se conta de que a qualidade do viver advém do trabalho mental de renúncia do controle (onipotente, onisciente, prepotente) da vida psíquica, e que conter e viver a intensidade de ser mortal exige tolerar o mistério da vida humana como uma condição de esperança.

FINALIZANDO

Discutimos, no presente trabalho, sobre um tipo de funcionamento mental bastante presente na clínica psicanalítica contemporânea, que se manifesta através de uma prerrogativa de vida anestesiada, sem sofrimento e sem prazer, que resiste ao contato com as verdades penosas da condição de ser humano. Procuramos evidenciar uma organização mental que ataca a própria vida, destacando-se: a intolerância quanto à espera, à dúvida e ao percurso de construção de realizações; o desprezo pelas relações interpessoais; a

tendência a estabelecer vínculos frágeis e proeminentemente lógicos; e graves falsificações na percepção de si mesmo e do mundo.

Segundo as proposições de Bion, quando o psiquismo, para prevenir-se de sofrer a dor mental, passa a utilizar com prevalência manobras antipensamento e antiemoção, estas funcionam como forças assassinas produzindo inércia mental. Nesse sentido, na perspectiva da presente reflexão, uma engrenagem suicida é um modo de existir que agride a experiência de estar vivo, através de mecanismos de controle onipotente da vida psíquica, podendo culminar ou não em concretizações suicidas.

Procuramos apresentar progressivamente algumas considerações sobre a dor mental e a engrenagem suicida, tomamos alguns aspectos dos mitos de Prometeu e de Pandora para discutir que a qualidade do viver advém do trabalho mental de responsabilizar-se amorosamente pela própria existência, e de ter capacidade para pensar, viver e sofrer a intensidade de ser mortal.

Partindo das contribuições de Bion, que nos convida sempre a repensar a função do analista na experiência diante da dor, buscamos oferecer o escolhido enredo mítico como modelo instrumental para a acuidade de observação da experiência clínica que aponte o desafio do par analítico em SER capaz de compadecer e transgredir às barricadas psicóticas e mortíferas, e fazer da análise um espaço para pensar e construir versões para os sofrimentos da vida.

Acreditamos que esta discussão possa trazer também outro vértice para pensar na distância imprecisa e tão singular, constituindo um espectro da capacidade de sofrer, entre desejo de morrer e a ausência do desejo de viver. O primeiro estado (desejo de morrer) como podendo estar manifesto em ponto alto nas concretizações suicidas, enquanto que no segundo (ausência do desejo de viver) teria mais uma vez *Thanatos* inebriado Eros e o feito a-dor-mecer?

REFERÊNCIAS

BION, W. R. *O aprender com a experiência*. Tradução: J. Salomão e P. D. Corrêa. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

BION, W. R. A grade. (Tradução: M. R. A. Junqueira), *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 7, n.1, p. 103-129, 1973.

BION, W. R. Cesura. (Tradução: M. T. M. Godoy). *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 123-136, 1981.

BION, W. R. *Uma memória do futuro*. Tradução: P. Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

- BION, W. R. Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica. In: SPILLIUS, E. B. (Ed.). *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica*. Rio de Janeiro: Imago, 1991a. p. 69-86.
- BION, W. R. Ataques ao elo de ligação. In: SPILLIUS, E. B. (Ed.). *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica*. Rio de Janeiro: Imago, 1991b. p. 95-109.
- BION, W. R. Uma teoria do pensar. In: SPILLIUS, E. B. (Ed.). *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e da técnica*. Rio de Janeiro: Imago, 1991, 1991c. p. 185-193.
- BION, W. R. *Elementos de psicanálise*. 2. ed. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2004a.
- BION, W. R. *Transformações: do aprendizado ao crescimento*. 2. ed. Tradução: P. C. Sandler. Rio de Janeiro: Imago, 2004b.
- BION, W. R. *Atenção e interpretação*. Tradução: C. H. P. Affonso. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- ÉSQUILO. *Prometeu agrilhado*. Tradução, prefácio e notas: F. Melro. Lisboa: Inquérito, 1984. p. 16-47. (Coleção Clássicos Inquérito, n. 8).
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Vol. 4 e 5).
- FREUD, S. Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 223-270. (Vol. 23).
- HARTKE, R. A situação traumática básica na relação analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, 2005.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução: M. C. N. Laifer. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- JUNQUEIRA FILHO, L. C. U. *O vazio e a negatividade como fatores na “mudança catastrófica” de Bion*, 2011. (Trabalho apresentado no Encontro Internacional “Bion 2011 – Porto Alegre”, 1, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.bionportoalegre2011.com.br/trabalhos/LuizCarlosJunqueiraFilho.pdf> Acesso em: 28 maio 2017.
- LAFER, M. C. N. *Os mitos: comentários*. In: HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. 4.ed. Tradução: M. C. N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 53-74.
- MARQUES, T. H. T. Conjecturando a expressão dos estados mentais primitivos na relação analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 867-883, 2004.
- MONDRZAK, V. S. Processo psicanalítico e pensamento: aproximando Bion e Matte-Blanco. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 118-134, 2007.
- REZZE, C. J. *Psicanálise: de Bion ao prazer autêntico*. São Paulo: Blucher, 2021.
- SANDLER, P. C. Uma teoria sobre o exercício de feminilidade □ masculinidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 485-494, 1999.

SAPIENZA, A. Reflexões psicanalíticas sobre tantalização de vínculos. Trabalho apresentado no *Congresso Brasileiro de Psicanálise, 22, Rio de Janeiro*. São Paulo: FEBRAPSI, 2009. Disponível em: [http: www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/xxii_cbp_rp_antonio.doc](http://www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/xxii_cbp_rp_antonio.doc) Acesso em: 12 fev. 2017.

WOLFF, A. C.; COSTA, P. J. Uma contribuição mitológica para pensar a mudança catastrófica no psiquismo. In: COSTA, P. J. *Psicanálise e mitologia grega: ensaios*. Curitiba: Appris, 2017. p. 11-28.

A

- Ab-reação 194, 195
- Adoecimento psíquico 12, 18
- Afetos 31, 63, 180, 183, 184, 188, 197
- Afrodite 70, 71, 75, 81, 83
- Ágave 174, 176, 181
- Ágon 111
- Agressividade 12, 16, 17, 18, 24, 60, 96, 115, 177, 196, 199
- Alegria trágica 25, 26
- Alteridade 38, 42, 44, 45, 50, 52, 59, 156, 159, 166, 168, 169
- Alucinose 3
- Amazonas 71
- Amor materno 65, 147, 148, 153, 187
- Anacronia 125, 126, 132, 140
- Antiemoção 3, 7
- Antígona 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 124
- Aparelho de pensar 3
- Aparelho mental 13, 14, 16, 22
- Aparelho psíquico 13, 14, 16, 22, 60, 61, 134, 180
- Apolo 54, 77, 181
- Área transicional 31
- Areté 66, 69, 76, 81, 193, 197
- Argo 66, 67, 69, 72, 80, 81
- Argonautas 66, 69, 70, 71, 72, 73, 83
- Ártemis 72, 73
- Aspectos trágicos da condição humana 11
- Atemporalidade do inconsciente 132
- Atemporalidade dos mitos 173
- Ato filicida 144, 153, 198, 199
- Ato infanticida 148
- Ato trágico 141
- Automatismos psíquicos 4
- Autônoe 174

B

Bacantes 172, 174, 176, 181, 182, 185, 186

Baco 54, 174

Busca pelas origens 114, 115, 117, 118, 120

Busca pela verdade 2

Busca por sentido 90, 119

C

Cadmo 66, 71, 181

Caos 59, 60, 106, 169

Capacidade de empatia 36

Capacidade de pensar 2, 5

Caráter mítico 117, 120

Caráter trágico 102

Caráter transgressor 96

Cartas-testamento 116

Casos-limite 172, 184

Castração 39, 44, 46, 56, 82, 101, 150, 161, 165

Catarse 188, 194, 195, 203, 204

Cefiso 48, 50, 61

Ciclo odioso 116

Cinema 46, 88, 89, 90, 91, 104, 106

Cipris 75

Circe 67, 72

Civilização 18, 28, 29, 30, 45, 109, 122, 196, 203, 205, 207

Clínica psicanalítica 3, 6, 10, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 141, 166, 170, 172, 179, 181, 183

Clitemnestra 69

Clivagem 144, 162, 180

Cólquida 66, 67, 69, 71, 75, 80

Comoção 187, 193, 196, 198, 201

Complexo de Édipo 11, 15, 23, 32, 86, 132, 139, 150, 151, 152, 153, 161

Compulsão à repetição 17, 52, 62, 163

Condição humana 1, 11, 13, 17, 40, 90, 91, 103

Condição trágica 23, 26, 28

- Condição transgressiva 87, 104
- Conflito 11, 13, 17, 24, 26, 34, 87, 111, 117, 173, 174, 178, 181, 189, 198, 206
- Conflito pulsional 13, 17
- Conhecimento das verdades penosas 1
- Conjugalidade 39, 42
- Consciência 6, 11, 14, 21, 23, 25, 87, 88, 92, 93, 97, 102, 103, 133, 140, 160, 162, 166, 173, 175, 199, 200
- Consciência trágica 173
- Consciente 21, 33, 35, 50, 63, 74, 132, 169, 173, 174, 175, 182, 184, 194, 196
- Constituição do aparelho psíquico 22, 134
- Constituição Psíquica 34
- Construção de sentidos 91, 109
- Corinto 66, 73, 128, 129, 130, 138, 146, 147, 189, 191
- Creonte 66, 73, 82, 110, 111, 112, 114, 127, 128, 129, 130, 139, 146, 189, 190
- Creúsa 66, 73, 79, 81
- Criatividade 86, 87, 158
- Culto dionisiaco 174
- Cultura 1, 12, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 36, 82, 85, 89, 106, 108, 109, 113, 114, 147, 150, 151, 161, 181, 203, 206
- Cultura antimente 1
- Cultura contemporânea 89
- Cultura grega 85
- D**
- Delfos 127, 128, 129, 130, 138
- Demefonte 41
- Deméter 31, 32, 40, 41, 42, 43, 45, 46
- Dependência absoluta 31, 33
- Dependência relativa 31, 33
- Desamparo 11, 13, 14, 15, 19, 24, 42, 43, 67, 98, 120, 166
- Descarga pulsional 194
- Desejo 3, 4, 7, 11, 14, 15, 25, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 58, 59, 60, 61, 76, 86, 87, 96, 97, 101, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 123, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 168, 169, 176, 188, 190, 195, 196, 197, 199, 200, 201
- Desejo transgressivo 96, 97

- Desenvolvimento emocional 31, 33, 37, 44, 46, 51, 98
- Desenvolvimento infantil 31, 33, 49, 104
- Desmedida 87, 102, 103, 180, 184, 185, 193, 197
- Destino 5, 15, 49, 62, 66, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 129, 137, 138, 139, 140, 149, 157, 173
- Devir heroico 65, 69, 81, 83
- Diferenciação subjetiva 32, 44
- Dinâmica civilizatória 120
- Dinâmica das pulsões 177
- Dioniso 24, 25, 87, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 186
- Dióscuros 69
- Discurso trágico 12
- Disjunção entre a mulher e a mãe 143, 148
- Dor mental 1, 2, 4, 7
- Dor psíquica 22, 26, 27, 28
- Dualismo pulsional 16, 17, 24
- Dupla mãe-bebê 32, 36, 37, 44
- E**
- Eco 48, 49, 52, 59
- Édipo 11, 14, 15, 23, 32, 66, 82, 86, 103, 107, 110, 111, 114, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 150, 151, 152, 153, 161, 181
- Elementos inconscientes 103
- Elementos psicanalíticos 86, 104
- Elêusis 41
- Engrenagem suicida 1, 2, 3, 5, 7
- Enigma anacrônico 140
- Enigma da psicanálise 141
- Enigma edípico 125, 126
- Entusiasmo 48, 174, 180, 181
- Erínias 81
- Eros 7, 16, 17, 24, 25, 27, 30, 48, 49, 52, 59, 60, 61, 62, 71, 86, 177, 178, 179, 181, 184
- Erro trágico 87, 102, 103

Escuta psicanalítica 156, 158
Esfinge 82, 138, 139
Espelho psíquico 56
Ésquilo 5, 8, 25, 143, 173, 188
Estado mental 4, 100
Estados-limites 180
Estágio do espelho 51, 53, 54, 55, 56, 63
Estruturação do sujeito 109
Etéocles 110
Ética da clínica psicanalítica 23
Ética da psicanálise 109, 110, 111, 112, 114, 121, 123, 124
Ética trágica 10, 12, 13, 22, 27, 28, 186
Ética trágica da psicanálise 13, 22, 186
Eurípedes 25, 145, 152, 186, 188, 203
Excesso 31, 69, 87, 96, 117, 145, 158, 178, 193, 203
Experiência cinematográfica 91
Experiência de contato emocional 3
Experiência emocional 3, 5
Expressões míticas contemporâneas 89
Êxtase 24, 174, 175, 180, 181
Êxtase báquico 175

F

Falhas do ambiente 33
Fedra 75
Feminilidade 8, 37, 42, 44, 46, 47, 123, 151, 152
Fenômenos transicionais 33
Figura materna 97, 98, 101
Filicídio 144, 147, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203
Fim trágico 92, 102, 103
Formação do Eu 50
Formação reativa 187, 199
Fórmulas da sexualização 150, 151
Frenesi báquico 172, 174, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185
Frenesi dionisíaco 174

Frixo 66, 69
 Função do analista 156
 Função do psicanalista 167
 Função materna 33, 36, 44, 98, 151
 Função paterna 34, 35, 36, 44, 46, 95
 Funcionamento psíquico 1, 2, 176, 196
 Fundamento da clínica 158
 Fundamentos da psicanálise 12
 Fundamentos da técnica psicanalítica 11, 23

G

Glauce 146, 189
 Gozo 53, 117, 118, 119, 121, 122, 145, 149, 155, 167, 168

H

Hades 40, 42, 43, 45
 Hécate 67, 73
 Helena 69
 Hélio 40, 67
 Hemon 112
 Hera 52, 71, 75, 81, 83, 193
 Hércules 69, 70, 83, 105
 Hermes 68, 77
 Herói trágico 87, 88, 91, 92, 95, 96, 102, 103, 104, 173, 175, 193
 Hesíodo 5, 8, 60, 63
 Hipólito 75, 84, 153
 Histórias de captura 38, 46
 Homem contemporâneo 19, 20
 Homem psicanalítico 102
 Homem trágico 103, 173
 Homero 25
 Horror 11, 15, 79, 110, 111, 116, 119, 120, 127, 146, 147, 187, 188, 198, 200, 201
 Humanidade 6, 82, 87, 92, 96, 102, 103, 113, 173, 181, 196
 Hýbris 67, 69, 73, 77, 87, 106, 175, 176, 180, 181, 184, 186, 193, 204

I

- Identidade 31, 32, 38, 44, 45, 54, 82, 127, 130, 137, 138, 139, 141, 169
- Identificação projetiva 5, 99, 100, 101, 106
- Imagem especular 49, 53, 55, 59
- Imagem inconsciente do corpo 55, 56, 57, 63
- Imobilidade mental 3, 4
- Inconsciente 11, 14, 15, 21, 29, 35, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 63, 86, 90, 97, 108, 109, 114, 120, 121, 122, 123, 125, 132, 133, 134, 136, 138, 141, 150, 156, 158, 163, 164, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 183, 184, 188, 194, 196, 198, 201, 203
- Independência 32, 33, 45, 115
- Indivíduo 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 31, 54, 56, 61, 69, 97, 98, 101, 174, 178, 185, 188, 195
- Ino 174
- Inominável do gozo 117
- Interpretação 8, 29, 30, 35, 88, 89, 122, 123, 134, 136, 141, 154, 157, 158, 161, 176, 183
- Investimento libidinal 34, 52
- Investimento narcísico materno 34
- Investimento pulsional 38
- Ismene 110, 112

J

- Jasão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 197, 199
- Jocasta 14, 46, 82, 128, 129, 130, 131, 138, 139
- John Connor 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104

L

- Labdácidas 114
- Laço social 111
- Laio 14, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 141
- Linguagem 22, 46, 53, 57, 62, 63, 90, 106, 109, 112, 121, 126, 135, 141, 165, 168, 170, 188
- Liríope 48, 49, 50, 51, 56, 61
- Loucura privada 172, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

M

- Mãe odiosa 145, 147
- Mãe suficientemente boa 98
- Mal-estar contemporâneo 12, 22
- Mal-estar pós-moderno 13
- Maternagem suficientemente boa 33
- Maternidade 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152
- Medeia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201
- Mênades 174, 177
- Mérope 128, 129, 130, 138
- Metamorfose 49
- Metanira 41
- Metapsicologia 21, 24, 61, 144
- Método psicanalítico 174
- Metonímia do desejo de falo 150
- Mídias contemporâneas 89, 90
- Mito 6, 32, 36, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 73, 75, 77, 83, 85, 86, 89, 91, 106, 108, 109, 110, 114, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 153, 169, 186, 188, 189, 203, 204
- Mito das origens 108, 109, 110, 114, 121, 122
- Mitologia contemporânea 90
- Mitologia grega 9, 11, 83, 86, 104, 106, 108, 132, 141, 172, 185, 202, 203, 204, 206
- Moções pulsionais 184, 196, 200
- Morte 1, 5, 6, 11, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 27, 45, 49, 52, 58, 59, 60, 62, 66, 67, 81, 82, 96, 97, 100, 105, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 130, 143, 145, 146, 157, 161, 162, 164, 169, 172, 174, 177, 178, 180, 192, 193, 194
- Mudança 2, 5, 8, 9, 16, 25, 137, 141, 146, 162

N

- Narcisismo 32, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 56, 61, 62, 86, 162, 170
- Narciso 40, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63
- Narrativas mitológicas 89, 105
- Nêmesis 48, 52

Norma fálica 148, 153

O

Objeto 3, 14, 38, 44, 49, 50, 51, 55, 60, 62, 63, 65, 89, 99, 100, 101, 117, 120, 121, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 160, 161, 162, 163, 167, 177, 178, 179, 187, 196, 197, 199, 201

Objeto causa de desejo 148, 152, 153

Objeto de desejo 117

Objetos a 144, 148, 150, 151, 152

Objetos primários 97

Obturação da castração 150

Ódio 3, 4, 15, 31, 73, 80, 98, 116, 143, 145, 146, 147, 148, 153, 161, 167, 190, 199

Ódio ao pensamento 3

Olimpo 40, 41, 43, 71

Oráculo 48, 49, 50, 66, 127, 128, 129, 130, 131, 138

Ordem do gozo 117

Orfeu 69, 71

Organização narcísica 183

Origens 17, 18, 21, 76, 108, 109, 110, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122

P

Pai 11, 14, 15, 16, 23, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 44, 50, 66, 67, 71, 72, 73, 78, 79, 80, 82, 93, 95, 96, 102, 111, 115, 119, 120, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 161, 174, 176, 191, 194, 197

Paixões humanas 188, 189

Pandora 5, 6, 7

Panteão helênico 59

Parto subjetivo 44, 45

Pensamento trágico 17

Penteu 174, 175, 177, 181

Persecutoriedade 99

Perséfone 31, 32, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 73

Personagens femininas 143

Perspectiva trágica 13

Pólibo 128, 129, 130, 138

Polimórfico-perverso 196, 200

- Polínicos 110, 112, 113, 114
- Pólis 85, 196
- Posição depressiva 101
- Posição esquizoparanóide 101
- Posídon 71
- Pós-modernidade 10, 13, 17, 19, 20, 27, 28
- Prática analítica 126, 136
- Prática clínica 133, 151, 156, 169
- Primeiras experiências relacionais 31
- Princípio de realidade 164, 195, 196
- Princípio do nirvana 16
- Princípio do prazer 16, 52, 60, 63, 163, 175, 176, 185
- Processo analítico 44, 45, 168
- Processo civilizatório 187, 198
- Processo de emancipação psíquica 32
- Processos de identificação 120
- Processos de separação e individuação 34
- Procusto 156, 157, 167, 169, 170
- Produção de sentido 119
- Projeção 50, 51, 53, 56, 99, 100
- Prometeu 5, 6, 7, 8
- Psicanálise 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 45, 46, 47, 61, 62, 63, 65, 68, 83, 84, 86, 88, 89, 91, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 183, 185, 186, 188, 202, 203, 204, 205, 206, 207
- Psiquismo 2, 5, 7, 9, 20, 22, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 52, 56, 62, 91, 97, 106, 161, 164, 178, 179, 184, 186, 195, 196, 199, 200, 201, 203
- Pulsão 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 27, 49, 52, 59, 60, 62, 108, 122, 169, 172, 177, 178, 198, 199, 200
- Pulsão de morte 17, 27, 52, 59, 60, 62, 169, 172, 177, 178
- Pulsão de vida 23, 27, 49, 52, 59, 60, 177
- Purgação 193, 194

R

- Realidade humana 2, 4

Recalcamento 86, 144, 195, 196, 198, 199, 200, 201

Recalque 165, 187, 198, 199

Recursos egóicos 31

Registro do desejo 109

Registro do gozo 117

Registro do mito 108

Registro próprio ao sujeito 114

Relação mãe e filha 32, 46

Relação mãe-filho 150

Representante do terceiro 32, 44

Repúdio 4, 187, 199

Revelação 114, 115, 117, 118, 119, 120, 127, 128, 137

Rito fúnebre 108, 109, 110, 113, 115, 121, 122

Rituais orgiásticos 174

Ritualização da morte 109, 114

Ruptura de campo 136

S

Segredo 72, 115

Sêmele 73, 174

Sentimento inquietante 160, 164

Separação 20, 31, 32, 34, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 51, 115, 133, 144

Série simbólica do falo 144

Sexualidade genital 42

Significante 112, 113, 114, 118, 121, 150

Simbiose 32, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 46

Simbiose patológica 36, 37, 40, 44, 46

Simbolização da morte 109

Simplégades 71, 75

Singularidade de sujeito 49

Sociedade contemporânea 90

Sociedade pós-moderna 12, 13, 18, 28

Sófocles 11, 14, 15, 25, 103, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 173, 188

Sufrimento 2, 6, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 28, 32, 42, 43, 45, 49, 55, 97, 112, 117, 119, 145, 146, 167, 189, 190, 197, 198

Sufrimento humano 2

Sufrimento psíquico 12, 13, 18, 22

Subjetivação da morte 110

Subjetividade 13, 19, 36, 51, 55, 57, 59, 61, 62, 63, 89, 96, 166, 168, 188, 206

Sublimação 23, 108, 110, 111, 122

Sujeito do inconsciente 109, 114, 121, 122, 150

Sujeito psicanalítico 103

T

Tebas 82, 110, 127, 128, 129, 130, 138, 139, 174, 181

Témis 73

Tempo 1, 3, 5, 6, 11, 13, 23, 26, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 59, 60, 66, 69, 70, 75, 82, 85, 89, 92, 96, 97, 100, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 118, 121, 123, 125, 126, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 150, 151, 154, 157, 159, 160, 162, 163, 168, 172, 176, 181, 184, 188, 189, 190, 194, 198, 200, 201

Tempo lógico 126, 132, 134, 135, 136, 141

Tempo mítico 109

Tendência transgressiva 96

Teoria das pulsões 21, 109, 178

Teoria psicanalítica 11, 17, 23, 86, 95, 108, 122, 124, 132, 143, 155, 164, 182, 188, 206

Tese falo-filho 150

Testamento 115, 116, 117, 165

Thanatos 7, 25, 27

Timé 66, 69, 76, 81, 193, 197

Tirésias 48, 49, 50, 69, 127, 128, 131, 139, 175, 181

Tragédia da vida 23, 24

Tragédia grega 11, 13, 14, 17, 86, 91, 94, 103, 111, 123, 144, 172, 174, 178, 188, 194, 196, 197, 203

Transferência 17, 133, 136, 156, 167, 168, 170, 182, 183, 184

Triangulação edípica 39

U

Ulisses 67, 77

V

Velocino de ouro 66, 67, 70, 71, 72, 83

Vida mental 4, 5, 134, 163

Vínculo 31, 36, 46, 158

Vínculo mãe-criança 36

Vingança 5, 43, 67, 70, 75, 82, 143, 146, 147, 148, 153, 187, 190, 191, 192, 193, 197, 199, 201

Vinho 54, 174, 180, 181, 182

Violência psíquica 3

Z

Zeus 5, 40, 41, 42, 43, 66, 69, 71, 73, 83, 110, 138, 174

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Atena
Editora
Ano 2023



 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Ano 2023

